

# A IMPRENSA FEMININA

Eliane Vasconcellos (CES/JF)  
Ivette Maria Savelli (Fundação Casa de Rui Barbosa)

## RESUMO

Panorama da imprensa feminina no século XIX, destacando a produção periodística de Joana Paulo Manso de Noronha e seu romance histórico *Misterios del Plata*, publicado em 1852, em folhetim, no *Jornal das Senhoras*.

**Palavras-chave:** Imprensa Feminina; Joana Paulo Manso de Noronha; Folhetim.

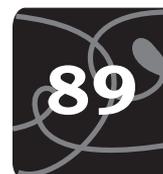
## ABSTRACT

Overview of the women's press in the XIX century, highlighting the periodical production of Joana Paulo Manso Noronha in her historic novel *Mistérios del Plata*, published in 1852, in serial, in the *Jornal das Senhoras*.

**Key-words:** Women's Press; Joana Paulo Manso de Noronha; Serial

\* \* \*

Não temos informações de que, no início do século XIX, houvesse organizações cujo objetivo fosse lutar pela igualdade de direito dos sexos. Existiram, sim, mulheres que isoladamente se empenharam para modificar a situação feminina e, entre elas, destaca-se principalmente Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), que viveu muitos anos na Europa e teve oportunidade de conviver com homens ilustres, entre os quais Augusto Comte, o que proporcionou seu desenvolvimento intelectual e colaborou para superar as limitações a que era submetida, como mulher, no Brasil. Teve idéias bastante avançadas para a sua época. Colaborou em jornais no Rio de Janeiro e fez uma 'tradução livre' da obra **Vindication of the Rights of Woman**, da escritora inglesa Mary Wollstonecraft. Este trabalho não foi uma atitude isolada e inconseqüente; pelo contrário, faz parte de uma longa carreira dedicada às letras e à educação da mulher. A tradução apareceu



entre nós em 1832, com o título de Direitos das mulheres e injustiças dos homens Constância Lima Duarte esclarece que:

Nísia não realiza, propriamente, uma tradução do texto da feminista. Ela realiza, sim, um outro texto, o seu texto sobre os direitos das mulheres. Mary Wollstonecraft lhe dá a motivação ao colocar em letra impressa questões pertinentes à mulher inglesa, voltadas naturalmente para o público de seu país. Nísia como que realiza uma 'antropofagia libertária'. E poderíamos ainda acrescentar: não como opção, mas até como fatalidade histórica. Na deglutinação geral das idéias estrangeiras, era praxe promover-se uma acomodação de tais idéias ao cenário nacional. É o que ela faz. Assimila as concepções de Mary Wollstonecraft e devolve um outro produto, pessoal [...] extraído da própria experiência.

Nísia lutou pela abolição da escravatura, pela república e pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, publicando, entre outras obras, o **Opúsculo humanitário**, em 1853, coletânea de 62 artigos sobre a educação feminina. Logo nas primeiras páginas adverte Nísia:

Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?

Em todos os tempos, e em todas as nações do mundo, a educação da mulher foi sempre a das mais salientes características da civilização dos povos<sup>1</sup>.

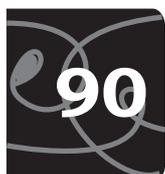
Para Eva Alteman Blay,

Nísia é precursora ao mostrar que a mulher foi envolvida em uma rede: não lhe dão educação pois elas não desempenham tarefas em espaços públicos, e elas não as desempenham pois não são educadas. Daí o círculo que só será rompido pela educação<sup>2</sup>.

Apesar de tudo, as idéias de Nísia não deram origem a nenhum movimento feminista. O movimento feminista, segundo June Hahner, "abrange todos os aspectos da emancipação das mulheres e inclui qualquer luta projetada para elevar seu status social, político ou econômico; diz respeito à maneira de se perceber da mulher e também à sua posição na sociedade"<sup>3</sup>. Entretanto, o movimento feminista brasileiro fugiu um pouco a este princípio; era, quando muito, maternalista com

<sup>1</sup> FLORESTA, Nísia. Opúsculo humanitário. Rio de Janeiro: M. A. S. Lima, 1853. p. 3.

<sup>2</sup> BLAY, Eva Alteman. Duas mulheres, dois mundos, um só preconceito, pref. In: FLORESTA, Nísia. Direito das mulheres e injustiça dos homens. São Paulo: Cortez, 1989, p. 10.



as desfavorecidas pela sorte. Foi um movimento da elite, da mulher instruída do nosso meio urbano, e encontrava-se completamente alienado da grande maioria das brasileiras. A operária estava praticamente ausente. As feministas ditavam atitudes protecionistas em relação a estas mulheres: Achavam-se dispostas a defender os direitos da trabalhadora, a lutar por menor número de horas de trabalho, por melhores condições de segurança e higiene, pela igualdade de remuneração para ambos os sexos e, ainda, pela criação de auxílio maternidade, abertura de creches, etc. Enfim, o movimento feminista se preocupava com as reivindicações das operárias, mas advogava para elas meias-soluções que eram encontradas no assistencialismo. Não pensavam, assim, em promover a formação de associações de mulheres trabalhadoras, organizadas e dirigidas por elas mesmas, mas sim proporcionar-lhes fadas-madrinhas, papel que seria desempenhado, altruisticamente, pelas mulheres da classe mais favorecida.

Durante o século XIX surgiram vários periódicos dirigidos por mulheres e tinham como objetivo conscientizá-las de sua situação. Entre eles temos: **Jornal das Senhoras**, fundado em 1852, no Rio de Janeiro, por Joana Paula Manso de Noronha, e posteriormente dirigido por Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco e, em 1853, por Gervásia Numésia Pires dos Santos; em 1862 surge, no Rio de Janeiro, **O Belo Sexo**, fundado por Júlia de Albuquerque Sandy de Aguiar; em 1873, **O Domingo**, fundado e dirigido por Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco; neste mesmo ano, em Campanha da Princesa, Minas Gerais, Francisca Senhorinha da Mota Dinis funda O Sexo Feminino, que seria transferido para o Rio de Janeiro em 1875; Amélia Carolina da Silva Couto funda, em 1879, no Rio de Janeiro, o **Eco das Damas**; em 1880, aparece **Primavera**, sob a direção de Francisca Senhorinha da Mota Dinis; **A Família** foi fundado em São Paulo, em 1888, por Josefina Álvares de Azevedo e, um ano mais tarde, transferido para o Rio de Janeiro; **O Sexo Feminino** foi substituído, em novembro de 1889, por **O Quinze de Novembro do Sexo Feminino**, continuando na direção Francisca Senhorinha da Mota Dinis. Em 1897, Presciana Duarte de Almeida funda e dirige, em São Paulo, onde passou a residir, a revista **A Mensageira**, de orientação feminina. No número 1 de 15 de outubro de 1897, assim se dirige às

escritoras brasileiras:

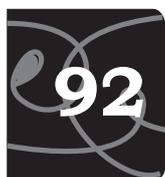
Que a nossa revista seja como que um centro para o qual convirja a inteligência de todas as brasileiras! Que as mais aptas, as de mérito incontestável, nos prestam o concurso de suas luzes e enriqueçam as nossas páginas com as suas produções admiráveis e belas; que as que começam manejar a pena, ensaiando o vôo altivo, procurem aqui um ponto de apoio, sem o qual nenhum talento se manifesta; e que finalmente, todas as filhas desta grande terra nos dispensem o seu auxílio e um pouco de boa vontade e benevolência.

E em 1914, aparece em São Paulo, a **Revista Feminina**, fundada por Virgiliana de Sousa Sales.

Esses periódicos, na sua maioria, tiveram vida curta. Em geral, suas edições, ao lado de assuntos sobre moda, culinária e educação dos filhos, publicavam artigos mais polêmicos, onde se discutia a condição da mulher e chegavam até a reivindicar direitos e oportunidades iguais para ambos os sexos. Entre as escritoras que mereceram presença nesses periódicos estão: Júlia Lopes de Almeida, Narcisa Amália, Amália Franco, Inês Sabino, Carmem Dolores, Corina Coaracy e Maria Amélia de Queirós.

Selecionamos, para apresentar neste trabalho, a jornalista Joana Paula Manso de Noronha. A nossa escolha recaiu sobre ela porque fomos convidadas para preparar o texto fidedigno do romance **Misterios del Plata**, de sua autoria, que foi publicado primeiramente em português, no Jornal da Senhoras, e, posteriormente, no jornal El Inválido Argentino, de Buenos Aires. O texto deste romance, nos dois idiomas, será editado pela coleção Arquivos, coordenada por Amos Segala.

Joana Paula Manso de Noronha era de nacionalidade argentina, nascida em 26 de Junho de 1819, dentro de uma família culta e progressista. Seu pai mudou-se para Montevideu durante a ditadura de Rosas, e daí para o Rio de Janeiro, onde a filha se casou, em 1844, com o músico português Francisco Sá Noronha. Viajou com o marido para os Estados Unidos, onde ele tentou fazer carreira, sem sucesso. Lá nasceu sua filha Eulália e, em breve estada em Cuba, deu à luz a Hermínia. Em final de 1848, a família voltou para o Brasil, e Joana tornou-se cidadã brasileira, para que pudesse estudar medicina. Em 1852,



fundou, no Rio de Janeiro, o **Jornal das Senhoras**, editado todos os domingos com o subtítulo de **Modas, Literatura, Belas-Artes, Teatros e Crítica**. Por essa época, seu marido apaixonou-se por outra mulher e volta para Portugal, abandonando-a. Ela decide então regressar à Argentina, chegando a Buenos Aires em meados de 1853. Em 1859, é nomeada para o cargo de diretora da primeira escola primária mista de Buenos Aires. Escreveu, na época, para os jornais **La Ilustración Argentina, Alun de Señoritas e Anales de la Educación Común**, o primeiro periódico argentino dirigido para a educação.<sup>[3]</sup>

No primeiro número de **O Jornal das Senhoras**, publicado em 1º de janeiro de 1852, Joana explica seus objetivos e diz que sua intenção é “propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher”. Para concretizar seu sonho convidava todas as senhoras interessadas a apresentar produções literárias, podendo a colaboração ficar no anonimato, o que demonstra claramente como era ainda difícil para a mulher penetrar num espaço tido como masculino. Digase que as letras não eram bem vistas para a mulher, daí a necessidade de não revelar seu nome, tanto que Joana, neste primeiro número, diz:

Ora pois, uma senhora à testa da redação de um jornal! que bicho de sete cabeças será?

Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas à literatura colaborando [em] diferentes jornais.

Porventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas suas idéias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade?

Este jornal, dirigido ao sexo feminino, pretendia despertar nas mulheres valores novos, ou valores adormecidos, que possibilitassem a elas, reclusas no lar, um espaço em que pudessem ter voz, fosse para publicar suas produções intelectuais, fosse para exprimir seus desejos e opiniões.

Depois de seis meses de existência, o jornal passou a ser dirigido por Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco e, após um ano, por Gervásia Numésia Pires dos Santos Neves.

<sup>3</sup> HAHNER, June E. A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937. Trad. Maria Teresa P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 25.

Circulou até 1855.

No artigo de 11 de janeiro de 1852, “Emancipação moral da mulher”, a redatora considera como tal o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade e esta conquista não se daria por meio de uma rebelião: à medida que o progresso se instaura, a condição moral também evolui. O próprio homem sente necessidade de elevar à sua altura a condição intelectual de sua companheira. Afirma ser o egoísmo dos homens um perigoso e terrível inimigo para a realização do nosso desejo. Na verdade, não era bem o egoísmo, mas uma insensibilidade que vinha de longa tradição. Diz não ser a mulher quem se deve conscientizar da necessidade de sua emancipação moral, pois estas “convencidas estão que o emprego útil de suas faculdades morais completa a obra do Criador”; porém, “enquanto a educação do homem se não reformar, enquanto ele considerar a mulher como sua propriedade nada teremos feito”. Lucidamente, ela percebe que é a própria mulher a responsável: “Todas as mães devem mui seriamente desarraigar esse preconceito funesto do espírito de seus filhos”. Por meio da educação dos filhos ela vai exercer sua influência.

Joana vê, ainda, como não podia deixar de ser, o destino da mulher associado ao casamento. Ela crê no matrimônio como realização do amor: por esta razão ele é para a mulher “o alvo, o fim de sua existência”, mas encontra nele, não raro, a decepção, ou uma “tirania insuportável, ou o abandono mais completo”. Para o homem o casamento é o “único meio de satisfazer um desejo, um capricho, ou simplesmente mudar de estado”. Ela era um objeto, uma máquina de procriação, boneca para ser vestida e apresentada. Defendia a idéia de que o amor devia dar um novo conteúdo aos cônjuges e ser a base estrutural da família, pois ele é a “chave de todas as virtudes”.

No tocante às possibilidades de trabalho para a mulher, Joana Manso escreve que todas as portas lhe eram fechadas. Trabalhar só nos serviços domésticos, como “serva”. Entretanto, na Europa e nos Estados Unidos era diferente: lá ela exerce quase todas as profissões que “entre nós a preocupação lhe nega”. Mas Joana ainda estava impregnada da idéia de que o chefe natural da família era o homem<sup>[4]</sup> e que a emancipação da

<sup>[4]</sup> De acordo com as leis brasileiras, ele permanecerá o chefe da família até a modificação do Código Civil, em 1962.



mulher visava, não a lançá-la para o espaço da rua, mas antes a melhorar a sua atuação no espaço do lar, como esposa e mãe. Defendia uma maternidade esclarecida.

As reivindicações de Joana Paulo Manso de Noronha causaram polêmica na época, como se pode depreender da leitura de seu artigo publicado em 8 de fevereiro de 1852, em resposta a uma carta anônima, assinada O Homem. A carta não é transcrita, mas pela resposta podemos avaliar a sua indignação e o avanço de suas idéias, ainda um pouco tímidas, mas que ela não temia expor.

Entre 2 janeiro a 7 julho de 1852, publicou-se, em forma de folhetim, no **Jornal das Senhoras**, o romance histórico **Misterios del Plata**, onde Joana narra a história de Valentim Alsina, advogado, preso político, proscrito da cidade de Buenos Aires pelo ditador Rosas, que embarca com a família com destino a Corrientes. Alsina cai em uma emboscada e será entregue a Rosas. Uma vez preso, ele e a família terão uma possibilidade de fuga. A tentativa de fuga é frustrada e Alsina é novamente preso, sendo que Antonia Maza, sua mulher, e o filho Afonso são deixados em terra. Mas o desespero de ver o marido partir faz com que ela se lance ao rio com o filho nos braços, mas são salvos por dois marinheiros. Alsina é levado ao navio-prisão *Pontón*. Depois de algumas peripécias, um certo Lostardo, vítima da emboscada que permitira a captura de Alsina, relata a D. Antônia que matara seu agressor e lhe confessa o desejo de salvar o seu marido. Lostardo, que conhecia bem o primeiro-comandante do navio-prisão, John Anderson, combina oferecer-lhe dinheiro para relaxar a prisão de Alsina. No dia acertado, John Anderson apresenta ao segundo-comandante uma ordem falsa de Rosas, designando o capitão Manuel Torres para guardar e acompanhar dois presos políticos à execução, um dos quais era Alsina. Os homens são entregues ao capitão, que não é outra pessoa senão D. Antônia, que se disfarçara e arriscara a própria vida para salvar o marido. Na embarcação que os aguardava – a *Jovem Itália* –, já estavam Lostardo e o filho de Alsina, que D Antônia trouxera escondido sob a capa militar. Eles seguem viagem seguros e livres de Rosas.

Joana retrata seu ideal de casamento, na figura de Antônia Maza Alsina, mulher culta, de personalidade forte, politicamente consciente e ativa, cumprindo um importante



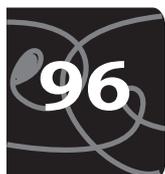
papel ao lado do marido.

Quinze anos depois, em 1867, este romance foi também publicado na Argentina, em folhetim, no jornal **El Inválido Argentino** e, posteriormente, teve três edições em livro: uma de 1899, outra de 1924 e uma terceira em 1933. Não cotejamos integralmente a edição em língua espanhola com a que foi publicada em folhetim no **Jornal das Senhoras**, mas podemos assegurar que o texto em espanhol, pelo menos o publicado em livro, é bastante diferente do publicado no **Jornal das Senhoras**.

Pela história narrada, este romance interessa muito mais aos argentinos do que a nós, brasileiros. De acordo com Liliana Patricia Zaccotti, a novela escrita por Joana Paula foi publicada entre a aparição de dois clássicos: o *Facundo*, de Sarmiento, que é de 1845, e *Amalia*, de José Mármol, de 1851, e *Los Misterios del Plata* se convertem, depois da batalha de Caseros, em um texto obsoleto, pois Joana se deteve ao momento histórico. Entretanto, apesar de concordarmos parcialmente com essa estudiosa, não podemos nos esquecer do valor desta mulher que, em meados do século XIX, escreveu um romance baseado em problemas políticos.

Pelas idéias apresentadas em seus artigos podemos concluir que Joana Manso aceitava sem muitos questionamentos os papéis de esposa e mãe que a sociedade do século XIX impunha à mulher. Entretanto, ela queria respeito mútuo, maior igualdade entre os cônjuges, uma união em que a mulher não fosse mais a serva oprimida, mas a rainha do lar. Desejava melhorar as condições de trabalho dentro destes papéis e não modificá-los. Não nos esqueçamos que ela foi abandonada pelo marido e certamente deve ter sofrido dificuldades para criar as duas filhas. Para ela, a mãe era antes de tudo a responsável pela educação dos filhos e, conseqüentemente, a responsável pela geração futura. Cabia-lhe, portanto, modificar a visão que o homem tinha da mulher, pois uma mulher instruída estaria mais apta a desempenhar este papel. Além do mais, não lhe ocorria a possibilidade de realização da mulher fora do casamento.

Nosso trabalho de estabelecimento de um texto fidedigno para a edição que será publicada na coleção Arquivos baseou-se apenas no texto publicado no *Jornal da Senhoras*,



pois esta foi a única edição deste texto em português. Algumas vezes, para solucionar algumas dúvidas, recorreremos ao texto em espanhol, publicado em livro, pois não tivemos acesso ao texto escrito para o folhetim. Por se tratar de um texto escrito para jornal e, além do mais, no século XIX, havia grande oscilação não só na forma de grafar os nomes, como também nos recursos tipográficos usados. Assim sendo, foi necessário determinar alguns procedimentos básicos para o estabelecimento do texto.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LEVY, Jim. Juana Manso. **Argentine feminist**. Bundoora: La Trobe University, Institute of Latin American Studies, 1977. p.2-16.

SILVA, Inocencio Francisco da. **Diccionario bibliographico portugues**. Lisboa: Imp. Nacional, 1883. v. 10. p.144.

VIDAL, Barros. A primeira jornalista. In: \_\_\_\_\_. **Precursoras brasileira**, Rio de Janeiro: A Noite, s.d. p.121-131.



**OBRAS - Compêndio de la historia de las provincias Unidas del Rio de la Plata desde su descubrimiento hasta la declaración de su independencia el 9 de julio de 1816. Buenos Aires, 1862.**

**ANEXOS** - Critérios que nortearam o estabelecimento do texto, em língua portuguesa, dos Misterios del Plata, de Joana Paulo Manso de Noronha, publicado no Jornal das Senhoras no período de 1<sup>o</sup> de janeiro a 4 de julho de 1852:<sup>[5]</sup>

1) Manteve-se o título, tal como figura no original, que a autora não traduziu.

2) Procedeu-se à numeração dos capítulos, só numerados, no original, até o sexto da primeira parte.

3) Conservou-se a dupla grafia do topônimo Prata/Plata. Procedeu-se da mesma forma em **Gioven Italia/Joven Italia**.

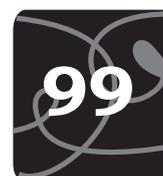
4) Manteve-se a grafia dos vocábulos que apresentam oscilação dos ditongos oi/ou, uma vez que são formas variantes e revelam, assim, a indecisão da autora em relação ao seu uso: coisa/cousa, doirada/dourada, açoitar/açoutar.

5) Manteve-se a forma da autora nos vocábulos em que o uso do trema é opcional: sanguinolento, sanguento, sanguinoso, sanguinário.

6) Mantiveram-se as formas alternativas a sua/à sua (usadas indiferentemente pela autora), cujo acento indicador de crase é opcional. Nos demais casos, corrigiu-se de acordo com as normas atuais.

7) Grafaram-se, numa só palavra, os encontros da preposição a + pronome demonstrativo aquele, aquela, etc., marcando-se, com acento grave, a indicação da crase: a aquela, a aquele àquela, àquele.

8) Corrigiram-se os erros óbvios de imprensa: prisioneto por prisioneiro; insacrável por insaciável; fragante por fragrante; trigue por tigre; desgradassem por degradassem; caudoso por caudaloso; solidade por soledade; entretenimento por entretenimento; prescrutador por perscrutador.



9) Grafaram-se, sem o apóstrofo indicador de elisão: n'aquele naquele, d'esse desse, d'entre dentre, d'aquela daquela, outr'ora outrora, m'o mo, etc., procedimento que não acarreta alteração fonética. Por outro lado, conservou-se em: d'água, d'América, d'alma, d'Ave-Marias e n'água .

10) Adotou-se a grafia unida, segundo a norma vigente, nos seguintes casos:

ante mão antemão; com sigo consigo; com quanto conquanto; com tudo contudo; em fim enfim; em quanto enquanto (= ao passo que, no tempo em que, no tempo que); entre tanto entretanto; mal grado malgrado; se quer sequer; sobre tudo sobretudo.

11) Adotou-se a grafia separada, em porfim por fim, por ser esta a norma vigente.

12) Empregou-se corretamente o hífen nas palavras compostas, atentando-se para a lição do **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, de 1999.

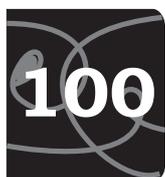
13) Atualizou-se a grafia do ditongo -io, no final de vocábulos: abrio, advertio, alterando-se para -iu: abriu, advertiu.

14) Atualizou-se a grafia das formas verbais na 3ª pessoa do plural: entapizão entapizam; chamão chamam; união uniam; gravarão gravaram; iluminavão iluminavam; cingião cingiam, entre outras.

15) Adotou-se a grafia atual nas formas verbais seguidas de pronome, uma vez que não respresentam alterações fonéticas. Ex.: achal-o achá-lo, rolal-o rolá-lo, sacrificial-o sacrificá-lo, tel-o tê-lo.

16) Alteraram-se para minúscula as iniciais de vocábulos (geralmente substantivos comuns), desde que não tivessem caráter simbolizante: céu, índio, indígena. Adotou-se o mesmo procedimento em relação aos nomes de acidentes geográficos; substantivos que se referem à flora e à fauna; adjetivos pátrios; dias da semana, meses e estações do ano.

17) Padronizou-se o uso das de iniciais maiúsculas/ minúsculas em certas palavras ou expressões, uma vez que a oscilação da autora revela que não houve preferência quanto ao seu uso.



Assim, grafaram-se com iniciais minúsculas: juiz de paz, governador, general, unitário, restaurador, ilustre.

18) Uniformizou-se o registro do vocábulo república, ora grafado com inicial minúscula, ora com maiúscula, reservando-se a última opção apenas quando vem antecedido do nome do país.

19) Grafaram-se em redondo os vocábulos que ora apareciam em itálico, ora em redondo, quando não se percebeu intenção simbólica por parte da autora para o uso de tal recurso. É o que ocorre em tordilho/tordilho, mate/mate.

20) Padronizou-se o recurso gráfico do itálico: nas palavras ou expressões em língua estrangeira; nos títulos de obras; nos nomes de embarcações. Nas demais ocorrências, respeitou-se o original.

21) Respeitaram-se as iniciais maiúsculas com caráter simbolizante. Quando grafadas em itálico, uniformizaram-se para redondo. Ex.: Imperatriz do Prata, Tigre do Deserto.

22) Utilizaram-se iniciais maiúsculas, sem destaque, nos nomes de logradouros, de estabelecimentos comerciais e de instituições.

23) Padronizou-se o uso das iniciais maiúsculas nos pronomes e expressões de tratamento, tais como: D., Dom, Dona, Sr., Sr.<sup>a</sup>, S. Ex.<sup>a</sup>, Vm.<sup>ce</sup>.

24) Manteve-se a grafia dos nomes e sobrenomes aportuguesados, corrigindo-os quando necessário.

25) Corrigiu-se a grafia dos antropônimos estrangeiros, quando não aportuguesados: Salomon Salomón; Ramon Ramón. No caso do sobrenome Ferré/Ferrez, mantiveram-se as duas formas, tal como as utilizou a autora.

26) Respeitou-se a pontuação do original, ainda que em contradição às normas usuais. Excetuam-se, porém, os seguintes exemplos:

a) Levantar o véu funerário do nosso passado; custanos muito: porque, dentre esse mar escarlate do mais puro sangue argentino, vemos levantar-se pálidos e medonhos os

espectros de nossos amigos, de nossos irmãos... (original)  
Levantar o véu funerário do nosso passado custa-nos muito; porque, dentre esse mar escarlata do mais puro sangue argentino, vemos levantar-se pálidos e medonhos os espectros de nossos amigos, de nossos irmãos... (texto alterado).

b) — Sem culpa concebida, (respondeu a voz do moço...". (Omitiu-se o parêntese, totalmente fora de propósito e sem indicação de seu fechamento).

c) Miguel encolheu os ombros. — Não sei o seu nome; respondeu depois de lançar fora o cabo do seu charuto, e pondo-se em pé continuou: No que diz respeito ao unitário, que vem pelo Paraná, ninguém como vm.<sup>cé</sup> mesmo pode fazer esse serviço à pátria. (original)

Miguel encolheu os ombros. — Não sei o seu nome, respondeu depois de lançar fora o cabo do seu charuto; e pondo-se em pé continuou: No que diz respeito ao unitário, que vem pelo Paraná, ninguém como vm.<sup>cé</sup> mesmo pode fazer esse serviço à pátria. (texto alterado)

d) Obedecia mais ao impulso do seu coração generoso; que à convicção de realizar o seu projeto. Libertar um homem guardado à vista com dobradas sentinelas, vigiado pelo ódio, a ambição e o mais cego fanatismo. (original)

Obedecia mais ao impulso do seu coração generoso que à convicção de realizar o seu projeto: libertar um homem guardado à vista com dobradas sentinelas, vigiado pelo ódio, a ambição e o mais cego fanatismo. (texto alterado)

e) — Assim tinha-o eu pensado; disse Simão contudo as dificuldades podem vencer-se à custa de sacrifícios... (original)

— Assim tinha-o eu pensado, disse Simão; contudo as dificuldades podem vencer-se à custa de sacrifícios... (texto alterado)